MAPEAMENTO DO TEMA “PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM PLATAFORMAS DIGITAIS”[1]

Gabriela Melo Rocha
Estudante PROIC/UnB

Rodrigo Rabello
Orientador da pesquisa. Professor da FCI/UnB

RESUMO

Objetivo: O presente trabalho objetiva mapear autores e documentos que têm como foco ou tangenciam os estudos sobre práticas informacionais nas plataformas digitais. Objetiva, especificamente: 1) compreender por que os autores optaram pela perspectiva das “práticas informacionais”; 2) assimilar como essa abordagem pode contribuir para os estudos direcionados ao universo digital e para a produção de novas documentalidades.
Metodologia: O levantamento foi realizado no período de abril a julho de 2021, em seis bases de dados e fontes de informação, quais sejam: BRAPCI, Scopus, *Web of Science* (WoS*), Library and Information Science and Technology Abstracts* (LISTA), E-LIS e Google Acadêmico. Os termos de busca utilizados buscaram abranger os ambientes digitais de forma ampla, consistindo em combinações do termo “prática informacional” com os termos “plataformas digitais”, “internet” e “web”.
Resultado: Foram selecionados 24 artigos, produzidos entre os anos de 2003 e 2020, com origem em 12 países diferentes, 15 textos em inglês e 9 em português, distribuídos em 18 periódicos diferentes. Os textos foram lidos integralmente, e seus descritores e principais ideias compuseram um quadro referencial para as discussões do tema.
Discussões/Conclusões: Na internet e, mais especificamente, nas plataformas digitais, as práticas dos sujeitos são influenciadas pelo meio. Não obstante, os sujeitos produzem e compartilham valores, crenças e visões de mundo, podendo intervir e alterar seu entorno, mesmo quando atuando digitalmente e em rede. Nessa perspectiva, é plausível considerar a abordagem das práticas informacionais como uma abordagem prolífica para os estudos de usuários no universo digital, uma vez que em um mundo cada vez mais conectado, esta permite a descrição e a interpretação das interações e relações experienciadas com as conexões dos sujeitos.
PALAVRAS-CHAVE: Práticas informacionais. Usuário de informação. Web. Plataformas digitais. Mapeamento. Ciência da Informação.

ABSTRACT

Objective: The present work aims to map authors and documents that focus or touch on studies of information practices in digital platforms. It specifically aims to: 1) understand why the authors chose the perspective of “information practices”; 2) assimilate how this approach can contribute to studies related to the digital universe and to the production of new documentalitys.
Methods: The survey was carried out from april to july 2021, in six databases and information sources, namely: BRAPCI, Scopus, Web of Science (WoS), Library and Information Science and Technology Abstracts (LIST), E- LIS and Google Scholar. The search terms used sought to cover digital environments in a broad way, consisting of combinations of the term “information practice” with the terms “digital platforms”, “internet” and “web”.
Results: 24 articles were selected, produced between the years 2003 and 2020, originating in 12 different countries, 15 texts in english and 9 in portuguese, distributed in 18 different journals. The texts were read in full, and their descriptors and main ideas made up a framework for the theme discussions.
Conclusions: On the internet and, more specifically, on digital platforms, the subjects practices are influenced by the surroundings. Nevertheless, subjects produce and share values, beliefs and worldviews, being able to intervene and change their surroundings, even when acting digitally and in a network. From this perspective, it is plausible to consider the approach to information practices as a prolific approach for the studies of users in the digital universe, since in an increasingly connected world, it allows the description and interpretation of interactions and relationships experienced with the connections of the subjects.
KEYWORDS: Information Practices. Information user. Web. Digital platforms. Mapping. Library Information Science.

[1] Relatório formatado conforme parâmetros da revista Encontros Bibli e submetido ao Programa de Iniciação Científica (PROIC) da Universidade de Brasília (UnB), edital 2020/2021. Faz parte do projeto “Documento e institucionalidades: dos valores probatórios à validação da informação“, de responsabilidade do Dr. Rodrigo Rabello, professor do curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação (FCI).

1 INTRODUÇÃO

O advento da internet alterou as relações da sociedade com a informação, possibilitando novas formas de concepção, compartilhamento, acesso, uso e apropriação. A Ciência da Informação ocupa um lugar de destaque nas investigações sobre essas novas relações e, com isso, os estudos realizados por essa área estão em constante adaptação para acompanhar tais mudanças, preferencialmente, dando lugar de destaque aos sujeitos, às suas práticas e às situações de necessidade informacionais, algo que pode ser estendido a estudos de “informação e comunidade” e de “usuário e não-usuário”.

Nesse sentido, o presente trabalho almeja investigar o que há na literatura nacional e internacional sobre uma abordagem – práticas informacionais – ainda recente e que vem ampliando a sua difusão entre pesquisadores, estudiosos e profissionais da área no cenário internacional e nacional, neste último caso sob o espectro do campo de Estudos de Usuário. Além disso, busca, especificamente, trazer subsídios para estudos que versem sobre como se dão as práticas informacionais dos sujeitos, considerando os ambientes das plataformas digitais.

Os trabalhos selecionados para compor a discussão deste artigo serão aqueles em que os autores fizeram o uso deliberado do termo “práticas”, não como um sinônimo de outras abordagens, mas com as características que a diferem das outras. Posto isso, os objetivos específicos são: 1) compreender por que os autores optaram pela perspectiva das “práticas informacionais” ao abordar os ambientes das plataformas digitais; 2) assimilar como essa abordagem pode contribuir para os estudos direcionados ao universo digital e para a produção de novas documentalidades.

As estratégias utilizadas para a realização do mapeamento serão explicitadas na seção “Metodologia”, seguida da seção “Resultados”, onde são apresentados os dados obtidos com a pesquisa. Tais dados foram debatidos na seção “Revisão de Literatura”, a partir da leitura de textos pertinentes ao tema, somados àqueles selecionados a partir do mapeamento realizado, algo que permitiu tecer considerações finais sobre a abordagem das práticas informacionais no contexto das plataformas digitais.

2 Metodologia

A fim de cumprir o objetivo de mapear o tema “práticas informacionais em plataformas digitais”, realizou-se um levantamento no período de abril a julho de 2021 em

6 bases de dados e/ou fontes de informação, quais sejam: BRAPCI, Scopus, Web of Science (WoS), Library Information Science and Technology Abstracts (LISA), E-LIS e Google Acadêmico.[2] Nesse levantamento, buscou-se elencar autores, periódicos, ano de publicação, dentre outras informações pertinentes para a compreensão do tema investigado. O mapeamento foi orientado pelas seguintes questões:

1. Qual a motivação expressa dos autores em investigar a vertente das "práticas informacionais" em suas pesquisas?
2. O que há na literatura da Ciência da Informação sobre a relação práticas informacionais e plataformas digitais/web/internet[3]?

As buscas foram realizadas pela combinação dos termos "práticas informacionais", "plataformas digitais", "internet" e "web". A depender da base, os termos foram convertidos para o inglês ou espanhol, com a adição de símbolos e operadores booleanos. Houve preferência por artigos publicados, revisados por pares, em acesso aberto, relativos à Ciência da Informação e áreas afins.

A etapa de seleção consistiu, de antemão, em uma avaliação do título, resumo e palavras-chave; caso um documento cumprisse os requisitos, seus descritores eram transferidos para uma pasta de trabalho do Google Planilhas. Por fim, os textos escolhidos foram lidos na íntegra, e as ideias e abordagens consideradas pertinentes à pesquisa foram organizadas – com estratos de citações diretas – em um quadro no Word.

3 Resultados

Foram revocados documentos cujos conteúdos remetem a diferentes sentidos de "práticas informacionais" os quais, por vezes, se diferem daqueles relacionados ao campo de estudo de usuários. Com vistas a priorizar a precisão na recuperação, dos 39 artigos inicialmente recuperados foram selecionados 24 artigos, os quais, além de trazerem o sentido de "práticas" esperado, também estabeleceram a relação entre práticas

[2] Seguindo esta ordem de consulta nas bases de dados/fontes de informação, destaca-se que, para evitar duplicidade. Noutra palavras, um artigo só foi selecionado uma única vez caso aparecesse como resultado em mais de uma base de dados/fonte de informação consultada.

[3] O uso do termo "plataformas digitais" teve baixa revocação de resultados nas bases de dados/fontes de informação, por esse motivo foram incluídos os termos "web" e "internet", os quais trouxeram resultados pertinentes ao mapeamento.

informacionais e plataformas digitais/web/internet. No Quadro 1 é possível observar a relação do número de documentos revocados e selecionados em cada base de dados/fonte de informação.

Quadro 1 - Relação de revocados e selecionados

Base	Revocados	Selecionados
LISTA	185	8
BRAPCI	21	7
Web of Science	59	5
Google Acadêmico	126	3
Scopus	23	1
E-LIS	37	0
Total	**451**	**24**

Fonte: elaboração nossa.

Da totalidade de artigos selecionados, observa-se que estes foram produzidos entre os anos de 2003 e 2020, com origem em 12 países, por ordem de contagem de documentos, são eles: Brasil (9), Austrália (3), Estados Unidos (3), Irã (1), Taiwan (1), Suécia (1), Países Baixos (1), China (1), México (1) e Singapura (1). Do total, 15 textos são em inglês e 9 em português, distribuídos em 18 periódicos. Desse total de periódicos, destaca-se o *Information Research*, com o maior número de publicações selecionadas (5).

4 Revisão de Literatura

A seguir, apresentar-se-ão motivações identificadas nas investigações que contemplam ou tangenciam a relação práticas informacionais e plataformas digitais/web/internet, abarcando os artigos selecionados da literatura nacional e internacional sobre os temas, além de outros textos considerados relevantes para o estudo dessa abordagem.

4.1 Práticas Informacionais

O conceito de práticas informacionais que fundamenta a presente investigação é baseado no modelo construcionista, etnometodológico, interacionista e pragmático que surge em resposta ao modelo cognitivista de “comportamento informacional” (ARAÚJO, 2016).

A palavra práticas nesse modelo é fundamentada pelo conceito de “práxis”, ou seja, “[...] o movimento por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo” (ARAÚJO, 2017, p. 220). Este atrai a tradição sociológica de Bourdieu e Giddens e da filosofia social de Schutz, Schatzki, Wittgenstein (RABELLO, 2017, p.114), e por isso ganha espaço nos estudos que concebem a Ciência da Informação dentro do emergente paradigma social — onde os indivíduos não são mais percebidos isoladamente, cada qual com sua lacuna cognitiva, ou seja, a “[...] informação não está separada do usuário, ela inclui condicionamentos sociais e materiais do existir humano” (CAPURRO, 2003).

Araújo (2016) afirma haver três modelos de estudos de usuário: os estudos de uso, o comportamento informacional e as práticas informacionais. São mundialmente consolidados, porém, com certo atraso no Brasil, quanto às produções elencando diferenças de cada modelo. Nesse sentido, Silva *et al*. (2020), ao mapearem a produção científica acerca das análises das práticas informacionais em ambientes virtuais, notaram que os termos “letramento informacional” (*information literacy*) e “resiliência informacional” (*information resilience*) aparecem na literatura como conceitos análogos às práticas, pois, “[...] analisam sujeitos contextualizados em seu processo de aquisição de ‘habilidades informacionais’ em ambientes diversos” (p. 443). Além disso, encontraram documentos que utilizavam as práticas informacionais como parte da abordagem do comportamento informacional (p. 445).

A falta de unanimidade na terminologia é caraterística de um campo ainda em evolução. Nesse ínterim, considerando que Silva *et al*.(2020) realizaram pesquisas em bases nacionais e internacionais, e em concordância com os resultados encontrados na presente pesquisa, percebe-se que o problema supracitado sobre o atraso produtivo relacionado às diferenças de cada abordagem não é uma questão apenas do Brasil. Entrementes, estudos nesse sentido se fazem necessários para a legitimação e propagação da terminologia.

4.2 A conexão na atualidade

A literatura sobre as práticas na internet não apresenta uma nomenclatura consensual para os ambientes da web; existem variações como: internet, web, *online*, virtual, plataformas etc. Conforme observam Silva *et al*.(2020), os ambientes virtuais são um conceito diluído, e pode ser entendido como "[...] relações tecno-mediadas por aparatos como computadores e celulares" (p.445).

Além dos computadores, os *smartphones* têm se destacado como um dos aparelhos preferidos para a conexão. Em 2020, estima-se que 90% da população mundial teve acesso à internet banda-larga móvel (3G ou acima) (ITU, 2020).[4] No Brasil, das pessoas que acessam a internet, 99% o fazem pelo celular (CETIC.BR, 2019).

É notório que os aparatos tecnológicos integram cada vez mais o cotidiano das pessoas comuns, tornando o "estar online" quase uma imposição, principalmente entre os jovens (GOULART; KAFURE, 2019). Prova disso, é que daqueles que tiveram acesso à Internet em 2020, 70% corresponde aos jovens (ITU, 2020).

Ainda que haja grande movimento em direção à ubiquidade da internet a nível mundial, as impressionantes estatísticas não representam todas as pessoas, pois a conexão à internet implica diversas questões socioeconômicas, a saber: o acesso é menor entre a população mais pobre, entre moradores da zona rural e, até mesmo, pelo sexo feminino (ITU, 2020). Desse modo, a análise das práticas informacionais no universo digital não contempla todas as pessoas. Poder-se-ia, assim, pensar em dois grandes grupos: os conectados e os não-conectados; ainda que os primeiros sejam a maioria, não deixam de ser a parcela privilegiada.

4.3 Práticas informacionais, internet e plataformas

A análise de literatura revelou que, no contexto digital, diversos autores — no caso, especificamente, aqueles que escolheram, de modo deliberado, a abordagem das práticas informacionais — preferem-na como uma alternativa crítica ao conceito dominante de comportamento informacional (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017; SAVOLAINEN, 2007). Isso porque, em determinados casos, a abordagem comportamental possui pontos falhos ou inconsistentes ao considerar o usuário em sua

[4] Fundada em 1865, a Internacional Telecomunication Union (ITU) é uma agência especializada em tecnologias de informação e comunicação.

individualidade, e não em um contexto social (BRITO, 2015), algo que pode dificultar sua utilização como um termo “guarda-chuva” (SAVOLAINEN, 2007).

Diversamente, a perspectiva de práticas informacionais “[...] desloca o foco de ações, motivações e habilidades individuais para práticas coletivas situadas em contexto.” (ROCHA; DUARTE; PAULA; 2017, p. 40), ou seja, prefere-se o reconhecimento dos indivíduos em suas condições de “integrantes de grupos e comunidades.” (SAVOLAINEN, 2007, p. 120).

O caráter social que motiva as investigações sobre práticas informacionais pode ser observado na diversidade de grupos utilizados como objeto de estudo. Isso pode ser observado nos documentos selecionados na presente pesquisa. Os grupos estudados correspondem a: usuários do Facebook; universitários; comunidades indígenas; influenciadores digitais; profissionais da Ciência da Informação; adolescentes e pré-adolescentes; ativistas; trabalhares remotos; e escritores e criadores.

Observar os caminhos que a informação percorre com a utilização das plataformas digitais – mediante as práticas dos sujeitos que correspondem aos grupos pesquisados –, elucida novas maneiras com as quais os indivíduos se informam e também como eles produzem e/ou se apropriam de informação. A abordagem auxilia a “[...] compreender como os sujeitos lidam com a informação nestes ambientes, considerando as instâncias sociais que constroem sua percepção de mundo” (SILVA *et. al*, p. 434).

A análise da literatura também mostrou o quanto a internet e as plataformas trouxeram alterações nas relações das pessoas com a informação nos âmbitos cotidiano, acadêmico, artístico e/ou profissional. Uma dessas alterações é sobre o poder de criar e compartilhar conteúdo, o qual deixa de pertencer às grandes organizações de mídias e personalidades consagradas, passando a pertencer – complementarmente, mesmo que de forma assimétrica – a qualquer indivíduo com um dispositivo com acesso à rede. O fenômeno possibilita o surgimento de novas práticas, como é o caso das ações realizadas pelos influenciadores digitais (DANTAS; GRACIOSO, 2018).

Com o “relativo poder” nas mãos de qualquer indivíduo, modifica-se a unilateralidade ou relativiza-se a assimetria então trabalhada e encabeçada pelos meios de comunicação de massa. A suposta passividade da audiência de TV ante os produtores dos canais têm sido problematizada com a interatividade dos sujeitos com o ambiente e com outros atores na internet, algo que tem possibilitado, por exemplo, a colaboração e/ou criação de conteúdos realizada pelo público (DANTAS; GRACIOSO, 2018).

Nesse sentido, também os pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação exemplificam a importância da interação, do diálogo e da participação do público junto à produção de conteúdo, ao disseminarem informação pelas *lives* em plataformas de mídias sociais. Estes pesquisadores e profissionais muitas vezes assumem uma postura "baseada na informalidade, através de uma linguagem coloquial, em relação à apresentação e à interlocução entre os atores das lives: convidado, mediador e audiência" (VALERIM; SOUZA, 2020), possibilitando a aproximação das pessoas envolvidas.

A interatividade propiciada pelas comunidades *online* também constitui novas formas de aprendizado, tal qual a "aprendizagem conectada", na qual a informação é uma experiência comunitária, intergeracional e intercultural, onde seus membros:

> [...] por meio do compartilhamento de conteúdo, recebem o feedback que define como eles entendem o que a comunidade valoriza e melhoram o próprio conteúdo para atender às normas da comunidade. Eles enxergam essa troca de informações como um processo colaborativo que melhora seu conteúdo. O controle de negociação das informações ocorre em colaboração com mentores dentro da comunidade que são vistos como especialistas (MANSOUR, 2020, p. 6*, tradução nossa).

Percebe-se que as comunidades *online* criam parâmetros, autoridades, normas e regras que organizam seus membros e contribuem nos esforços de aprendizado independente. Sob a perspectiva da "comunidade de prática" (*community of practice* - CoP), estruturada por Mansour (2020), entende-se que no processo de tentar pertencer a uma comunidade, os sujeitos se submetem às formas sancionadas daquele contexto sociocultural – tal qual os grupos de Facebook – para procurar, usar e reter informação

Tendo em vista que o Facebook tem um importante papel nos novos formatos de aprendizado, criação e compartilhamento de informação, e que ocupa uma parcela considerável do tempo de jovens e adultos (CHEN; KUO; CHANG, 2019; MANSOUR 2020; SANTOS; KAFURE, 2019; BRITO *et al.,* 2015), essa plataforma ─ e diversas outras, como: FanFiction.net, Vimeo, MoonFruit, WordPress, MyFastForum, DeviantArt, SoundCloud, ReverbNation, etc.─ deve ser concebida como uma ferramenta educacional contemporânea, onde professores, mentores e até mesmo os indivíduos de forma independente, podem desenvolver ações que integrem o uso da plataforma em prol de um aprendizado que "[...] encoraja o design de aprendizagem a ser apoiado por pares, orientado por interesses, orientado academicamente, centrado na produção, com base em um propósito compartilhado e em rede aberta." (HARLAN, 2016, p. 110)

O movimento de migração das atividades educacionais para o universo digital está atrelado aos sentimentos de liberdade e autonomia propiciados pela internet, o que, além de modificar as ferramentas de aprendizado, também modificou práticas de leitura (LEVYA, 2003) e de pesquisa. Goulart e Kafure (2019) observam que os adolescentes já preferem buscar conteúdos na rede, a consultar livros ou bibliotecas.

Desfavoravelmente, existe entre os jovens o hábito de não verificarem a informação obtida e parecem se contentar com os primeiros resultados dos *sites* e buscadores mais usados, como Wikipedia, Google, e Yahoo (GOULART; KAFURE, 2017). Outro problema decorre do fato de que a grande abundância de informações disponíveis para pesquisa no meio digital esteja "sabotando" a criatividade de estudantes, pesquisadores, estudiosos em geral. Conforme salienta Anderson (2010), "[...] assumir riscos equilibrados com prazer e admiração é uma característica importante do sucesso de pesquisa" (p. 11), algo que pode estar se evadindo das atividades intelectuais, uma vez que as ferramentas web limitam a ambiguidade e incerteza do exercício de "pensar" acadêmico.

A análise da literatura também elucidou como a cultura molda as práticas dos grupos e está explícita nas práticas informacionais do cotidiano de cada um. Essa percepção pode embasar estudos comparativos, tal qual *"Cultural differences in the health information environments and practices between Finnish and Japanese university students*", elaborado por Askola, Atsushi e Huotari (2010). Nesse estudo, os autores compararam as práticas de finlandeses e japoneses, quanto a um mesmo assunto, nutrição, e perceberam que a mesma pesquisa retorna diferentes conteúdos na web para cada linguagem, devido às diferenças de hábitos em cada país.

Nesse sentido, existem também estudos comparativos sobre as práticas informacionais relacionadas à participação política por indivíduos de diferentes localidades. Por exemplo, em Ruanda, as ativistas agirão de maneira divergente às pessoas do mundo ocidental (YERBURY, 2015). Também nas Maldivas, as expressões políticas da população, ainda que se assemelhem às práticas do resto do mundo, carregarão expressões de emoção, humor, poética, musical e outras formas culturais característicos daquele país (YERBURY, 2017).

É relevante destacar que a atenção aos fatores culturais que moldam as práticas informacionais de grupos geralmente excluídos do universo digital, como é o caso dos grupos indígenas, podem oferecer insumos para inclusão digital, e ajudar a reconstruir e reproduzir as identidades/diversidades culturais online, aproveitando os aparatos da

internet para valorizar sua arte, música e formas de comunicação oral (DU, 2015). Isso caracteriza o estudo das práticas informacionais dos sujeitos em plataformas digitais, como mais do que um ato passivo, acadêmico ou observador, mas potencialmente ativo, uma vez que, conhecendo como ocorrem as interações dos sujeitos com a informação nesses ambientes, pode ser possível embasar estratégias que aumentem a qualidade dessas interações.

5 Considerações finais

O mapeamento foi eficaz em corroborar a percepção prévia de que o estudo das práticas informacionais em plataformas digitais é bastante novo para a Ciência da Informação, prova disso é que as produções mapeadas foram todas realizadas nos últimos 18 anos. O Brasil teve lugar de destaque pelo número de trabalhos selecionados – 9 dos 24 –, o que mostra um país com potencial de ser referência sobre temáticas que envolvam práticas informacionais na web.

Os resultados revelam que é preciso dar maior visibilidade ao tema, uma vez que a percepção dominante do "comportamento informacional" nem sempre é suficiente para a compreensão das maneiras como os indivíduos "lidam" com a informação *online*, tendo em vista a ultra-conectividade e as interações que eles exercem nesses ambientes.

O fato de essa abordagem priorizar os sujeitos em sua coletividade e como pertencentes a grupos/comunidades, pode ser fundamental na concepção da informação como um fenômeno socialmente construído, e esse pensamento está de acordo com o estado atual, ou em emergência, da Ciência da Informação, o qual Capurro (2003) define como o paradigma social.

Também é possível observar que a alta penetração da internet e das tecnologias no cotidiano das pessoas, decorre em mudanças nas formas de aprender, ler, pesquisar e produzir cultura. A interatividade dos sujeitos com outros grupos tornam-nos mais que receptores passivos; ao invés disso, os sujeitos têm o poder de criar informação e por isso se tornam produtores, reprodutores e receptores em rede. Com isso em vista, ao ater-se aos métodos ou abordagens tradicionais estritos a livros impressos (ou digitais), bibliotecas físicas (ou digitais), salas de aula e mediação conteudística etc. corre-se o risco de não acompanhar o movimento das práticas e a relação dos sujeitos e das comunidades com a informação. As mudanças propiciadas pela internet, pela banda larga

e pelos dispositivos, como os *smartphones*, requerem uma adaptação e uma mudança de postura por parte dos pesquisadores e dos profissionais de informação ou da educação de modo a incorporar ou considerar o fenômeno da relação dos sujeitos com as plataformas, tão presentes no cotidiano de crianças, de jovens e de adultos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, T. D. Kickstarting creativity: supporting the productive faces of uncertainty in information practice. **Information Research**, v. 15, p. 9, 2010.

ARAÚJO, C. A. Á. Estudo de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em pauta**, v. 1, n. 1, p. 61-78, 2016.

ASKOLA, K.; ATSUSHI, T.; HUOTARI, M-L. Cultural differences in the health information environments and practices between Finnish and Japanese university students. **Information Research**, v. 15, n. 4, 2010.

_____. O que são "práticas informacionais"? **Informação em Pauta**, Ed. especial, v. 2, p. 217-236, 2017.

AZIMI, A.; HASELI, D.; ABDOLLAHI, L. Vygotsky's Activity Theory and Health Scholars' Web-based Information Practice. **Webology**, v. 16, n. 2, p. 97-107, 2019.

BRITO, F. T.; AGANETTE, K. P. de J. ; SOBREIRA, F. R.; NONATO, R. A.; ANJOS, P.F. dos; SOARES, F. M.; DUARTE, A. B. S. Processos de Busca de Informação Política dos Estudantes de Graduação da UFMG: uma abordagem qualitativa. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 5, n. 2, p. 1-25, 2015.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. **Capurro.de**, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/en1ancib_p.htm. Acesso em: 09 ago. 2021.

CETIC.BR. **TIC Domicílios 2019 – Principais Resultados**, 2020. Disponível em: https://cetic.br/pesquisa/domicilios/. Acesso em: 09 jul. 2021.

CHEN, S.-Y.; KUO, H. Y.; CHANG, H.-Y. Information practices among Taiwanese writers and makers: an exploration of digital natives. **Journal of Documentation**, v. 75, n. 4, p. 823–837, 2019.

DANTAS, M. S.; GRACIOSO, L. Influenciadores digitais: Intersecções a partir dos GTS do ENANCIB. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 19., Londrina, 2018. **Anais...** Londrina: ANCIB; UEL, p. 1743-1762, 2018.

DU, J. T.; HAINES, J.; SUN, V. Q.; PARTRIDGE, H.; MA, D. Understanding indigenous people's information practices and internet use: a Ngarrindjeri perspective. **19th Pacific Asia Conference on Information Systems**, v. , n. 9, Singapore, 2015.

GOULART, A. H.; KAFURE, I. Práticas informacionais de adolescentes na internet. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 2, n. 3, p. 787-806, 2019.

_____. Adolescência, internet e práticas informacionais. **XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, Marília, 2017.

HARLAN, M. A. Connection Information: Connected Learning. **School Libraries Worldwide**, v. 2, n. 1, p. 110-126, 2016.

ITU. **Measuring digital development - facts and figures**, 2020. Disponível em: https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Pages/facts/default.aspx. Acesso em: 09 jul. 2021.

LEVYA, E. M. R. The impact of the internet on the reading and information practices of a university student community: the case of UNAM. **New Review of Libraries and Lifelong Learning**, v.4, n.1, 137-157, 2003.

MANSOUR, A. Shared information practices on Facebook: The formation and development of a sustainable online community. **Journal of Documentation**, v. 76, n. 3, p. 625-646, 2020.

RABELLO, R. Sujeito e Agência Informacional: comportamento, prática e ação. In: GÓMEZ, M. N. G.; RABELLO, R. **Informação:** agentes e intermediação, DF, 2017, IBICT, p. 101-152,

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v. 23, n. 1, p. 36-61, 2017.

SANTOS, S; KAFURE, I. Práticas informacionais de jovens e adultos: uma experiência com estudantes do proeja. **Ponto de Acesso**, v. 13, n. 2, p. 256-272, 2019.

SAVOLAINEN, R. Information Behaviour and information practice: reviewing the "umbrella concepts" of information-seeking studies. **Library Quartely**, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SILVA, L. F. da; ARAÚJO, W. J. de; OLIVEIRA, H. P. C. de; ALVES, E. C. Práticas informacionais em ambientes virtuais. **Informação & Informação**, v. 24, n. 4, p. 431-451, 2020.

VALERIM, P.; SOUSA, R. S. C. Live streaming em tempos pandêmicos: práticas informacionais realizadas por profissionais da Ciência da Informação. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 9, n. 2, p. 173-182, 2020.

YERBURY, H. Information practices of young activists in Rwanda. **Information Research**, v. 20, n.1, 2015.

_____; SHAHID, A. Social media activism in Maldives; information practices and civil society. **Information Research**, v. 22, n. 1, p. 1-13, 2017.